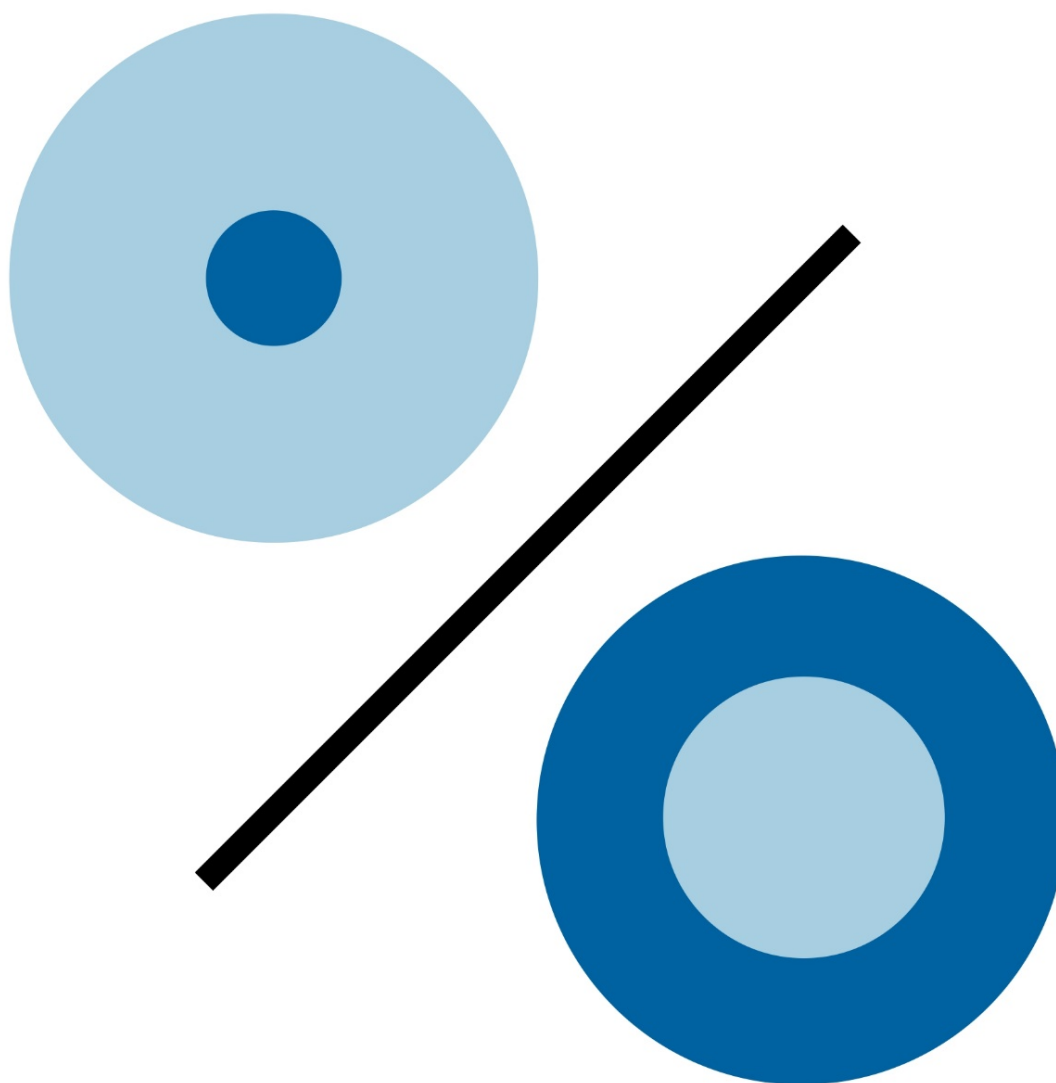


Sondagem
ICS / ISCTE

Março 2019
Parte 1



ÍNDICE

1. Ficha técnica	2
2. Avaliação da situação económica.....	3
3. Avaliação da actuação do governo	5
4. Comparação com o governo anterior	7
5. Avaliação da actuação de líderes políticos.....	9
6. Intenção de voto em eleições legislativas.....	13

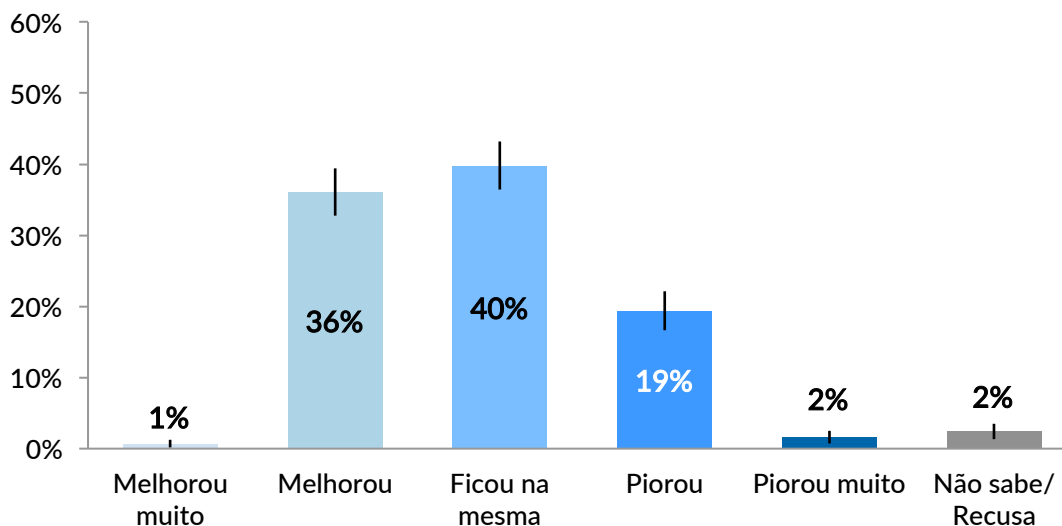
1. Ficha técnica

Este estudo foi coordenado por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo do estudo é constituído pelos indivíduos, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral activa residentes em Portugal Continental. Os respondentes foram seleccionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (7 grupos), Instrução (3 grupos), Ocupação (2 grupos), Região (7 Regiões GfK Metris) e Habitat/Dimensão dos agregados populacionais (5 grupos). A partir de uma matriz inicial de Região e Habitat, foram seleccionados aleatoriamente 83 pontos de amostragem onde foram realizadas as entrevistas, de acordo com as quotas acima referidas. A informação foi recolhida através de entrevista directa e pessoal na residência dos inquiridos, em sistema CAPI. A intenção de voto foi recolhida recorrendo a simulação de voto em urna. O trabalho de campo decorreu entre os dias 9 e 21 de Fevereiro de 2019 e foi realizado por 45 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Foram contactados 2541 lares elegíveis (com membros do agregado pertencentes ao universo), tendo sido obtidas 801 entrevistas válidas (taxa de resposta de 32%). Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com a frequência de prática religiosa dos cidadãos portugueses residentes no Continente com 18 ou mais anos, a partir dos dados da vaga mais recente do Inquérito Social Europeu. A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 801 inquiridos é de +/- 3,5%, com um nível de confiança de 95%.

2. Avaliação da situação económica

"Falando agora sobre a situação da economia em Portugal: no último ano, acha que a situação da economia melhorou muito, melhorou, ficou na mesma, piorou ou piorou muito?"

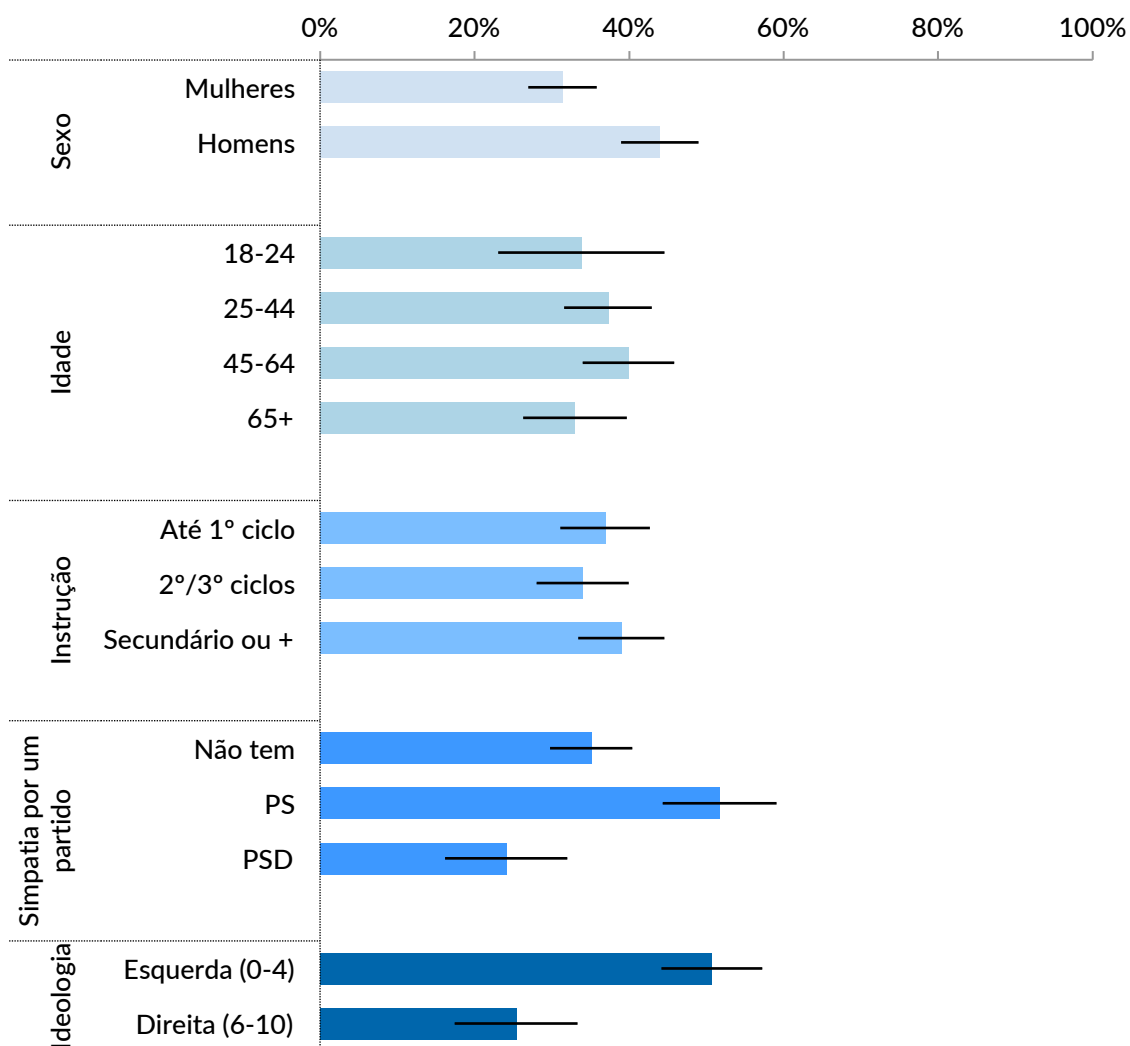
% em relação ao total da amostra



Recolha: 9-21 Fevereiro 2019

A opção de resposta mais seleccionada pelos inquiridos (40%) foi a de que, no último ano, a situação da economia portuguesa terá permanecido “na mesma”, não melhorando nem piorando. Muito poucos inquiridos seleccionaram opções extremas (“melhorou muito” ou “piorou muito”). Mais inquiridos detectaram uma melhoria da situação da economia (37%) do que a evolução oposta (21%).

Economia "melhorou muito"/"melhorou" no último ano
 % em relação ao total de inquiridos em cada grupo



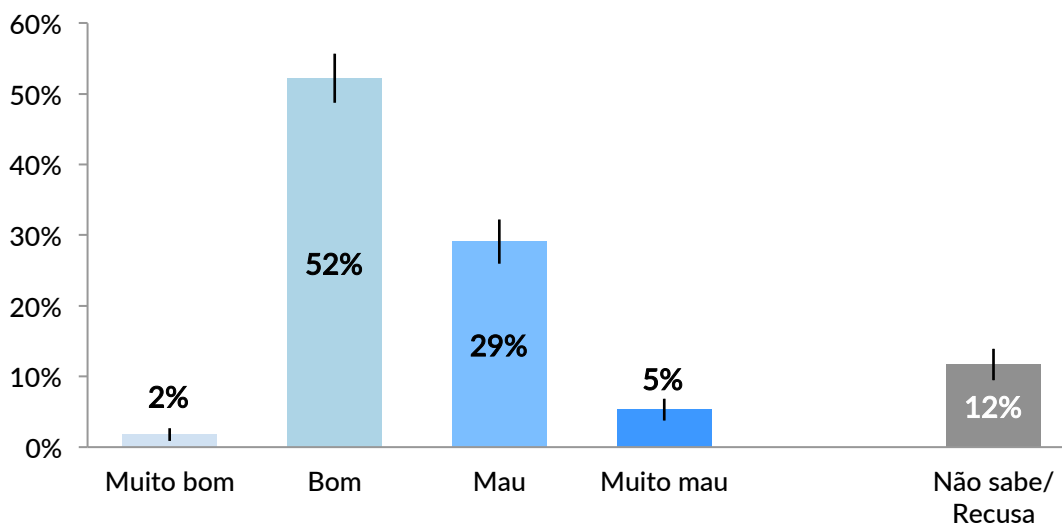
Recolha: 9-21 Fevereiro 2019

A relação entre as características sócio-demográficas dos inquiridos apresentadas no gráfico e a propensão para detectarem uma melhoria da situação económica é muito ténue. A diferença mais expressiva é entre homens e mulheres, com as segundas a fazerem uma avaliação menos positiva da evolução da situação económica que os primeiros. A idade e a instrução não estão relacionadas com a opinião sobre a evolução económica. Pelo contrário, a relação entre as predisposições políticas e ideológicas dos inquiridos e as suas avaliações da economia é forte. Mais de 50% dos inquiridos que dizem simpatizar com o PS reportam uma melhoria da situação económica, uma percentagem que é cerca do dobro da que se encontra entre os que dizem simpatizar com o PSD. Passa-se algo semelhante na diferença entre aqueles que se posicionam à esquerda (0 a 4 numa escala de 0 a 10) e à direita (6 a 10 na mesma escala). Entre os que não simpatizam com qualquer partido, um em cada três acha que a situação da economia melhorou no último ano.

3. Avaliação da actuação do Governo

"Pensando no desempenho geral do actual Governo, como avaliaria esse desempenho? Diria que o Governo está a fazer um trabalho..."

% em relação ao total da amostra

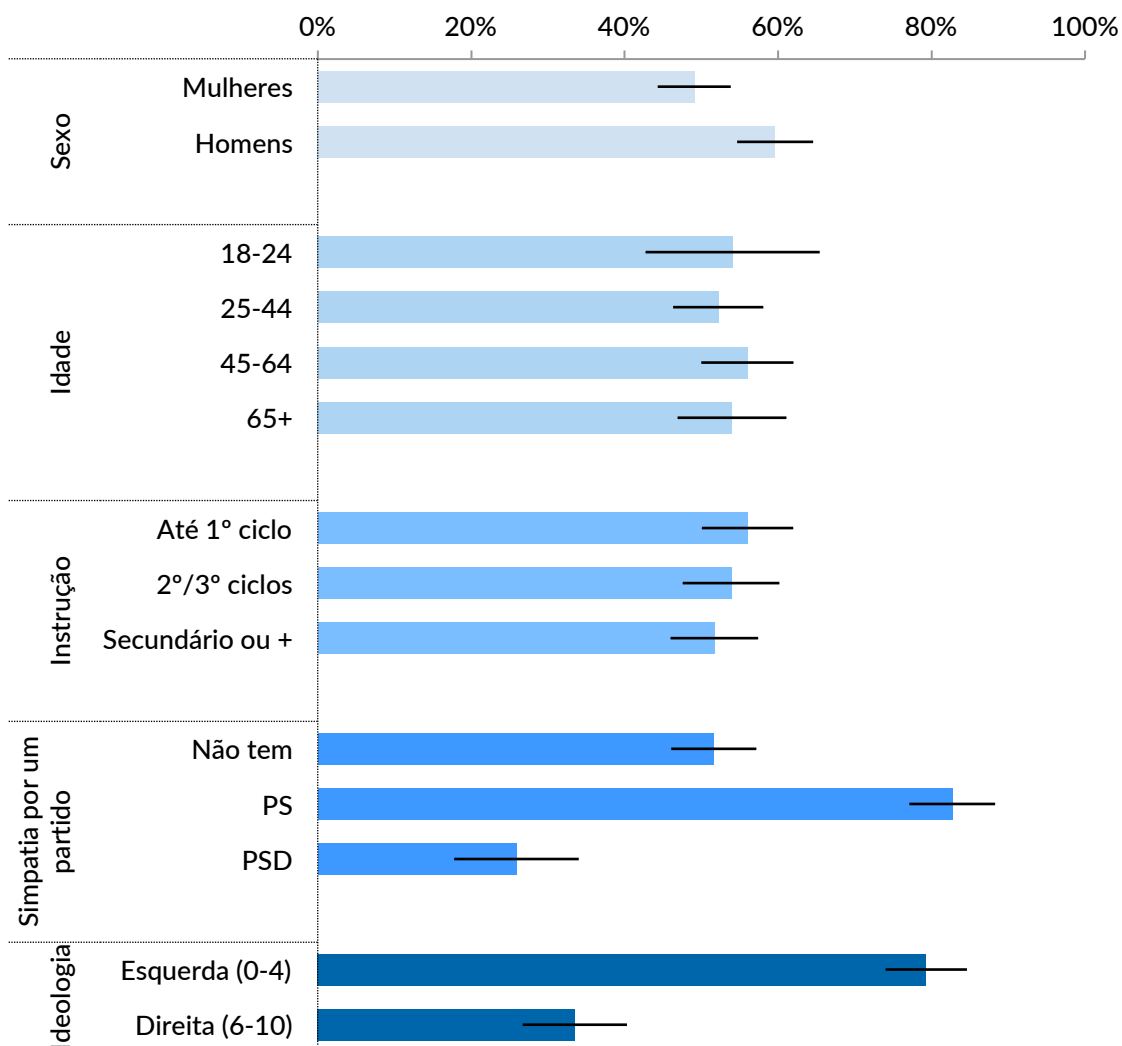


Recolha: 9-21 Fevereiro 2019

Há mais inquiridos a fazerem uma apreciação positiva do desempenho do Governo do que uma apreciação negativa. Pouco mais de metade dos inquiridos consideram que o Governo está a fazer um "Bom" trabalho, com as opiniões positivas a totalizarem 54% nesta amostra. Cerca de um em cada três inquiridos acha que o Governo está a fazer um trabalho "Mau" ou "Muito mau". Cerca de um em cada dez inquiridos não exprimiu opinião, e as posições extremas foram escolhidas por uma percentagem reduzida de inquiridos.

Governo está a fazer um trabalho "muito bom"/"bom"

% em relação ao total de inquiridos em cada grupo



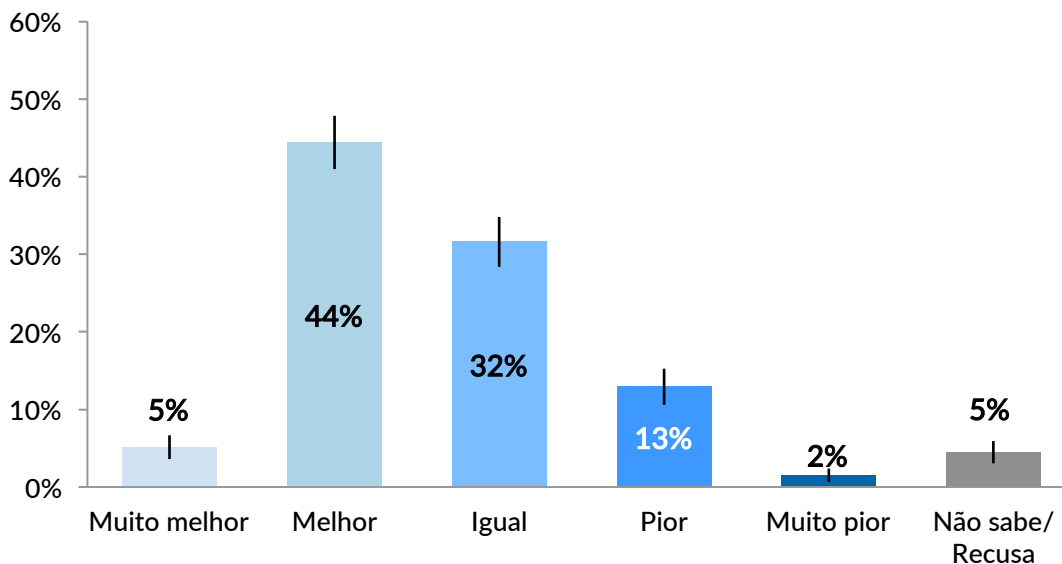
Recolha: 9-21 Fevereiro 2019

Mais uma vez, a relação entre as características sócio-demográficas dos inquiridos e a avaliação que fazem do desempenho do Governo é ténue. E volta a surgir uma diferença significativa entre a opinião dos homens e das mulheres, menos positiva a das segundas. Nesta amostra, a avaliação do Governo piora ligeiramente à medida que aumenta a instrução, mas a avaliação é globalmente positiva mesmo entre o segmento mais escolarizado. A relação entre as predisposições partidárias e ideológicas dos inquiridos e a sua apreciação do desempenho do Governo é forte: a percentagem dos simpatizantes do PS que faz uma apreciação positiva é mais de três vezes superior à que se encontra entre os simpatizantes do PSD. Uma disparidade semelhante – se bem que não tão expressiva – encontra-se entre os inquiridos que se posicionam à esquerda e os que se posicionam à direita. A maioria (52%) dos eleitores que não simpatizam com qualquer partido faz uma apreciação globalmente positiva do trabalho do Governo.

4. Comparação com o governo anterior

"E em comparação com o governo anterior: diria que este governo está a fazer um trabalho..."

% em relação ao total da amostra

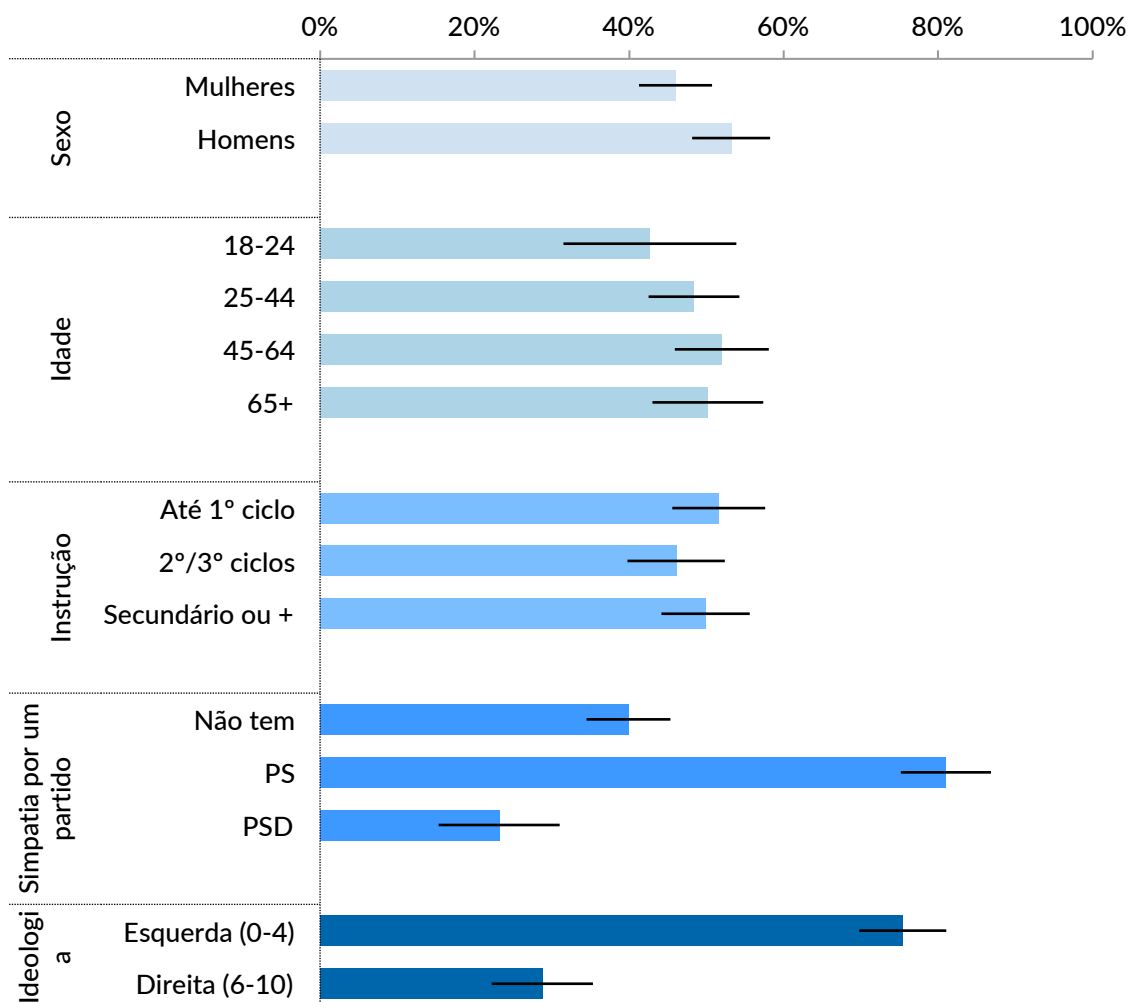


Recolha: 9-21 Fevereiro 2019

Comparado o trabalho do actual governo com o do governo anterior, apenas 15% consideram que o actual governo está a fazer um “Pior” ou “Muito pior” trabalho, contra 49% que defendem a ideia oposta. Contudo, cerca de um em cada três inquiridos não detecta diferenças entre este governo e o anterior.

Actual governo está a fazer um trabalho "muito melhor"/"melhor" que o anterior

% em relação ao total de inquiridos em cada grupo

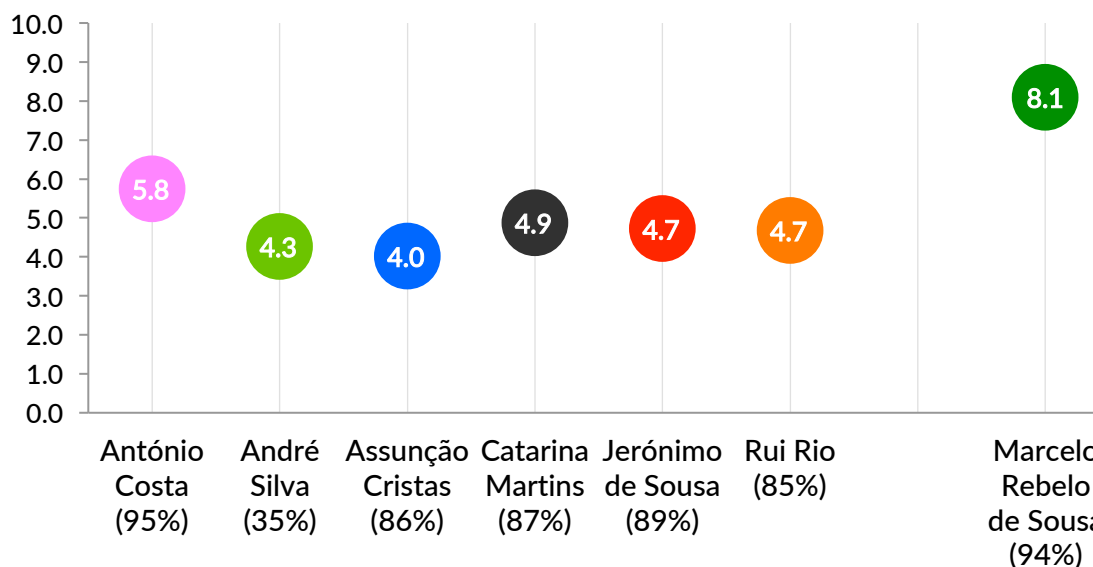


Recolha: 9-21 Fevereiro 2019

Sexo, idade, e instrução contribuem pouco para explicar a variação das opiniões dos inquiridos sobre a actuação do actual governo em comparação com a do anterior. Dito isto, o grupo dos mais jovens (entre 18 e 24 anos) na amostra revela uma menor propensão do que os restantes grupos etários para afirmar que o actual governo está a fazer um trabalho melhor que o governo anterior, apesar de a diferença não ser estatisticamente significativa. Entre os simpatizantes do PS, a proporção daqueles que avaliam o actual governo mais favoravelmente do que o anterior é quase quatro vezes maior do que a obtida entre os simpatizantes do PSD. Uma diferença semelhante, se bem que menos expressiva, é também detectável na comparação entre os inquiridos que se posicionam à esquerda e os que se posicionam à direita.

5. Avaliação da actuação de líderes políticos

Avaliação da actuação recente de líderes políticos, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")
Avaliação média dos inquiridos com respostas válidas; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação.

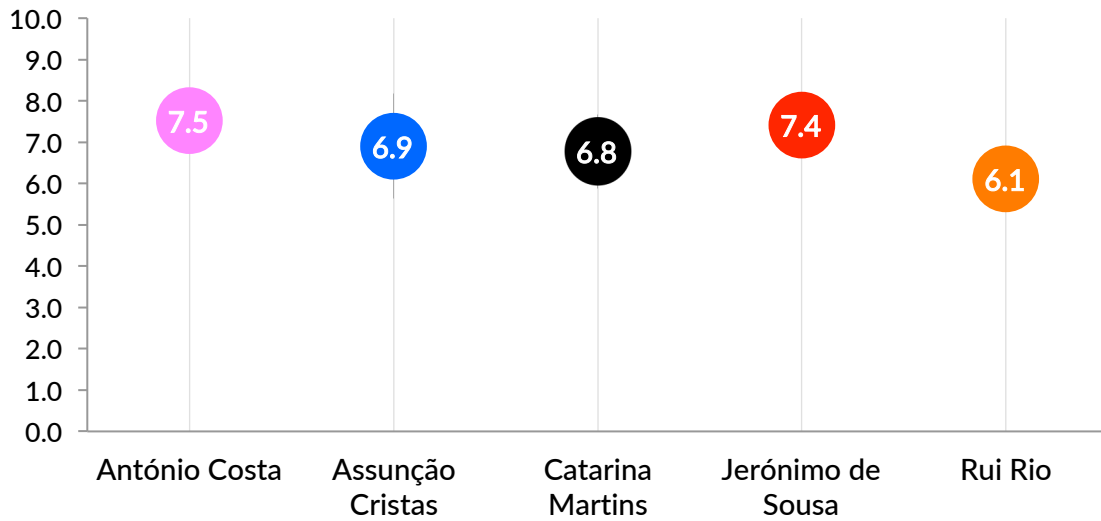


Recolha: 9-21 Fevereiro 2019

Mais de 80% dos inquiridos avaliaram estas figuras políticas numa escala de 0 a 10, com uma excepção: André Silva, do PAN, que 49% declararam “não conhecer” e 14% não saberem como avaliar. À excepção de António Costa e de Marcelo Rebelo de Sousa, nenhuma figura recebe uma avaliação média superior ao ponto intermédio da escala (5). Assunção Cristas tem a avaliação média mais baixa (4,0), muito próxima de André Silva (4,3, mas avaliado por muito menos inquiridos), seguindo-se Jerónimo de Sousa, Rui Rio e Catarina Martins (muito próximos entre si e indistinguíveis estatisticamente). Segue-se António Costa (5,8) e, bem mais acima, Marcelo Rebelo de Sousa (8,1).

Avaliação da actuação recente de líderes políticos entre os simpatizantes do respectivo partido, de 0 ("muito negativa" a 10 ("muito positiva")

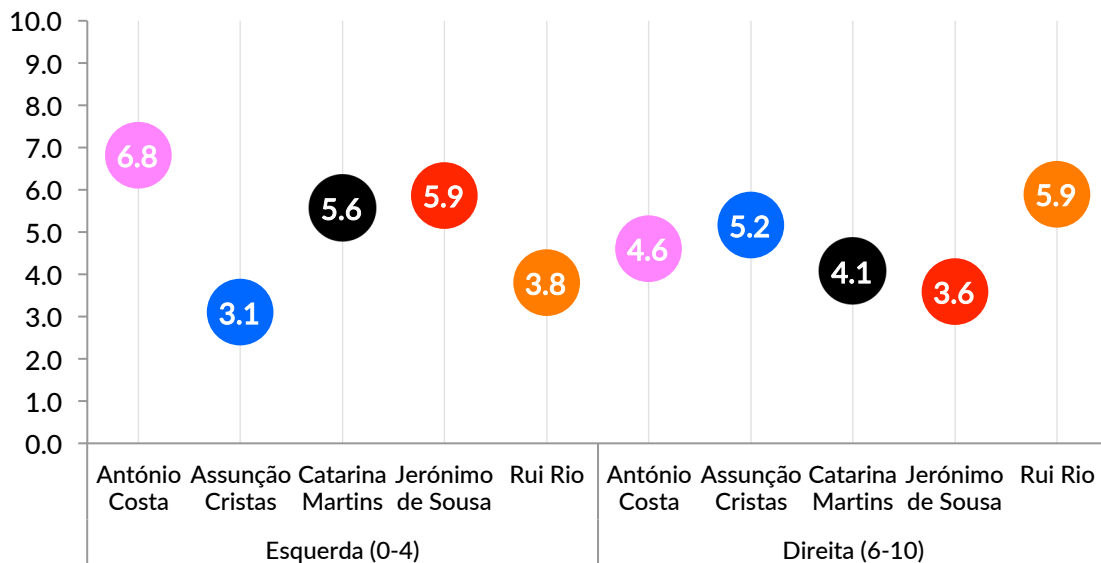
Avaliação média de cada grupo de simpatia partidária



Recolha: 9-21 Fevereiro 2019

As avaliações médias de cada liderança política aproximam-se umas das outras quando olhamos apenas para os grupos dos inquiridos que dizem simpatizar com o partido respectivo. António Costa e Jerónimo de Sousa destacam-se ligeiramente, seguidos de perto por Assunção Cristas e Catarina Martins. Rui Rio tem, entre os simpatizantes do PSD, uma avaliação menos positiva do que os restantes líderes obtêm junto dos simpatizantes dos respectivos partidos. Neste gráfico, André Silva não está incluído, dado o muito reduzido número de inquiridos que afirma “simpatizar” com o PAN.

Avaliação da actuação recente de líderes políticos, de 0 ("muito negativa" a 10 ("muito positiva")
 Avaliação média de cada grupo de posicionamento ideológico

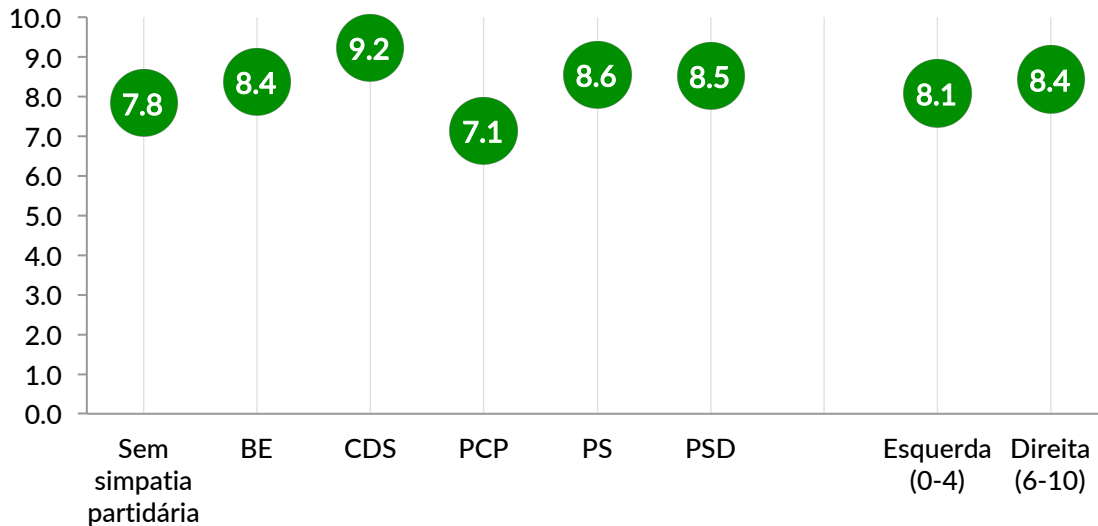


Recolha: 9-21 Fevereiro 2019

Neste gráfico comparam-se as avaliações médias destes líderes políticos feitas por dois grupos de inquiridos: os que se posicionam na escala esquerda-direita entre os pontos 0 e 4 (esquerda) e 6 e 10 (direita). Há uma óbvia simetria: os eleitores que se posicionam à esquerda tendem a avaliar mais positivamente a actuação dos líderes de partidos de esquerda, ao passo que os eleitores que se posicionam à direita tendem a avaliar mais positivamente os líderes dos partidos direita. Mas a simetria não é perfeita. Quer António Costa, quer Catarina Martins são melhor avaliados pelos eleitores de direita que Assunção Cristas ou Rui Rio pelos eleitores de esquerda, e António Costa é mais bem avaliado pelos eleitores de esquerda que Rui Rio pelos eleitores de direita.

Avaliação da actuação recente de Marcelo Rebelo de Sousa para diferentes grupos de simpatia partidária, de 0 ("muito negativa" a 10 ("muito positiva")

Avaliação média de cada grupo de simpatia partidária e posicionamento ideológico



Recolha: 9-21 Fevereiro 2019

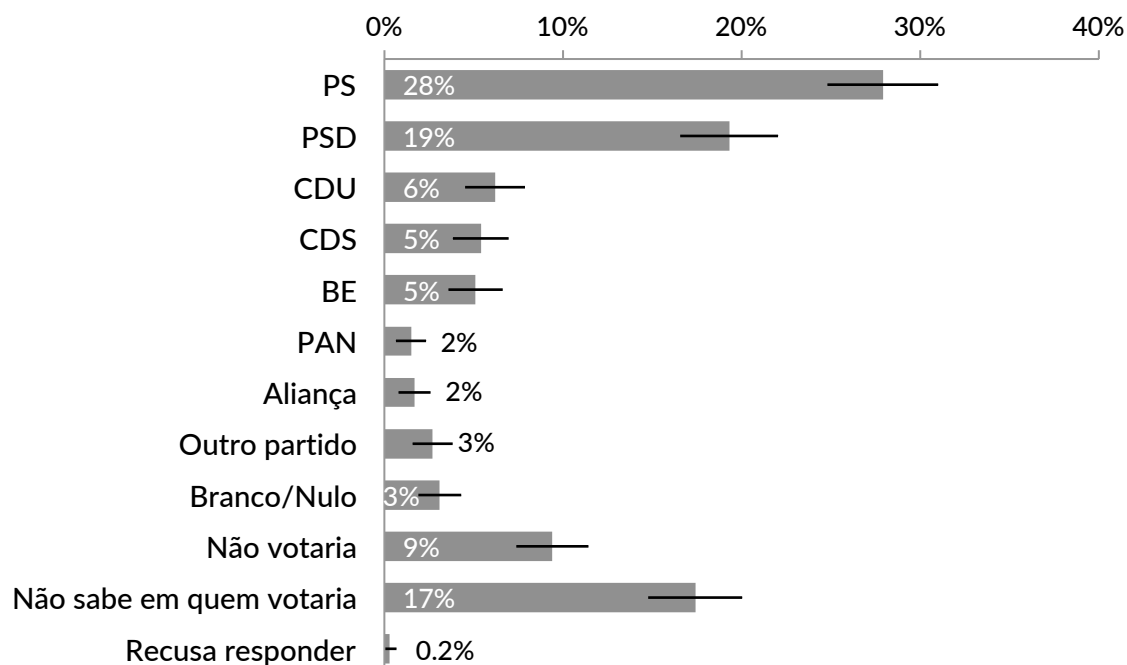
A avaliação globalmente positiva da actuação de Marcelo Rebelo de Sousa é politicamente transversal, apesar de um pouco mais baixa entre aqueles que não simpatizam com qualquer partido e, especialmente, entre os que se dizem simpatizantes do PCP. A diferença na avaliação média entre aqueles que se posicionam à direita ou à esquerda não é relevante.

6. Intenção de voto em eleições legislativas

Como votaria se houvesse hoje eleições legislativas?

Respostas directas à simulação de voto em urna

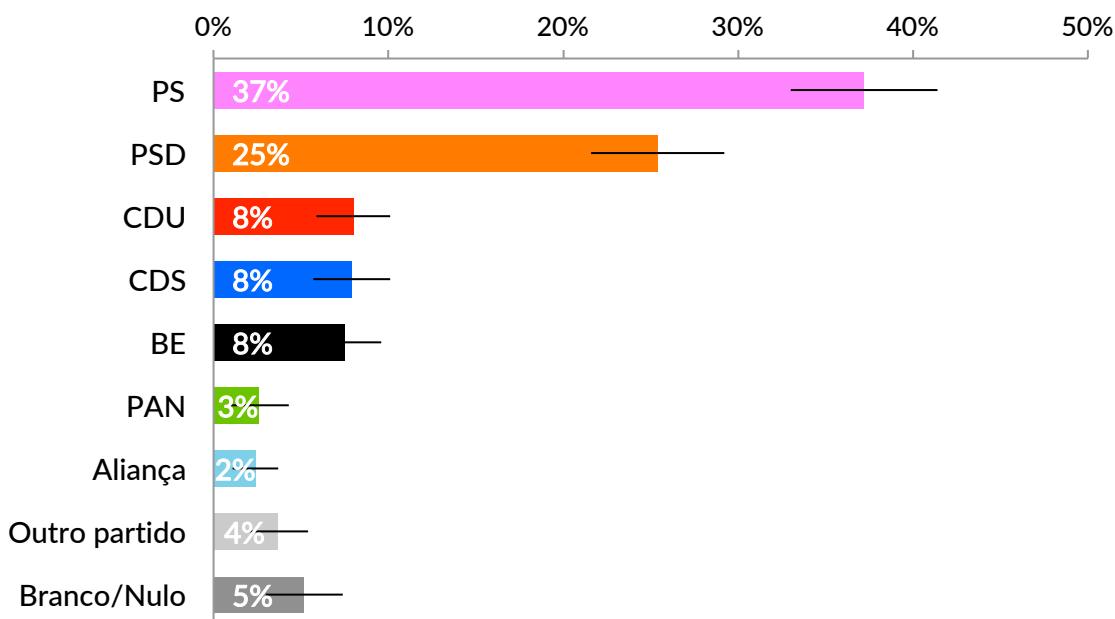
% em relação ao total da amostra



Recolha: 9-21 Fevereiro 2019

Questionados sobre como votariam se as eleições legislativas fossem hoje, 9% dos inquiridos respondem desde já que não votariam. Este resultado não é comparável a possíveis valores de abstenção eleitoral: os abstencionistas têm menor propensão a responder a estudos de opinião e a intenção de não votar tende a não ser plenamente assumida. 17% dos inquiridos dizem que não sabem em quem votariam. Apenas dois inquiridos recusaram utilizar o boletim de voto simulado nesta questão final do estudo. A diferença entre PS e PSD é de 9 pontos percentuais nesta distribuição. As diferenças entre CDU, BE e CDS não são estatisticamente significativas. Para além das escolhas pelo PAN e pela Aliança (que se aproximam de 2% dos inquiridos cada), houve também inquiridos que declararam intenções de voto, em valores inferiores, nos seguintes partidos: PPM, Nós, Cidadãos, Chega, PDR, PCTP/MRPP, JPP, PURP, Livre, PTP e MPT.

Intenção de voto em eleições legislativas, excluindo abstencionistas e após imputação de indecisos e recusas
% em relação ao total de respostas válidas + brancos/nulos



Recolha: 9-21 Fevereiro 2019

Para fins de comparação das intenções de voto obtidas com o formato convencional da distribuição de votos num acto eleitoral, foi preciso lidar com os cerca de 17% de inquiridos que declararam não saber em quem votariam ou que se recusaram a usar o boletim de voto. A opção seguida aqui foi a de utilizar uma metodologia de imputação. Simplificando, isso implica atribuir aos “indecisos” uma intenção de voto em cada partido, branco/nulo ou uma intenção de não votar, com base numa comparação entre algumas das suas características (idade, instrução, posicionamento na escala esquerda/direita, se declararam ter simpatia por algum partido, se declararam ter-se absterido de votar na eleição anterior e a sua frequência de assistência a serviços religiosos) e as características daqueles que declararam uma intenção de voto ou de abstenção no inquérito.

Após atribuição de intenções de comportamento eleitoral aos “indecisos”, o gráfico mostra que o PS dispõe de vantagem sobre o PSD, mas que CDU, CDS e BE estão, para todos os efeitos, empatados. Mais abaixo, PAN e Aliança obtêm, respectivamente, 3% e 2% das intenções de voto. É fundamental levar em conta que estamos longe de um verdadeiro acto eleitoral, não podendo por isso estas estimativas serem interpretadas como expressão de intenções de voto plenamente cristalizadas, e menos ainda como previsões de um resultado eleitoral.

